

ENSAIO:

SARTRE: O PROBLEMA DO ENGAJAMENTO NA ERA VIRTUAL

Matheus de S. P. Sarmiento*

Wellington W. F. Sarmiento*

Resumo: Nesse ensaio, nosso intuito é analisar os principais conceitos da filosofia existencialista de Sartre e sua relação com a atual Era Virtual ou da Informação. Em particular, no que tange a Problemática da Liberdade e do Engajamento. Buscaremos dissecar como essas questões dialogam com o mundo no qual vivemos: com a realidade virtual na qual nos inserimos. Veremos como e se o avanço das tecnologias de redes sociais e outros meios de comunicação, carregam uma nova face a ser apresentada a esses problemas.

Palavras-chave: Existencialismo de Sartre. Era da Informação. Redes Sociais. Liberdade. Engajamento.

SARTRE: THE PROBLEM OF ENGAGEMENT IN THE VIRTUAL ERA

Abstract: This essay will discuss Sartre's existentialist philosophy and its relation to the current Virtual or Information Age. In particular, about the Problem of Freedom and Engagement. We will try to dissect how these issues dialogue with the world in which we live: with the virtual reality in which we insert ourselves. We will see how and if the advancement of social media technologies and other media carry a new face to be presented to these problems.

Keywords: Existentialism of Sartre. Information age. Social networks. Freedom. Engagement.

1. INTRODUÇÃO

Sartre, nascido em 1905, foi um filósofo que, apesar de em muitos aspectos ser um crítico das ideias marxistas, fez-se através da máxima: “os filósofos limitaram-se a

*Graduando em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: math.sarmiento@gmail.com.

* Mestre em Eng. de Teleinformática pela Universidade Federal do Ceará; Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará; pesquisador das áreas de Filosofia Política, Ética e Pensamento Marxiano. E-mail: wwagner@virtual.ufc.br.

interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo” dita por Karl Marx na décima-primeira tese de Feuerbach em 1845. Para começarmos a entender o mundo na ótica Sartreana, precisamos, sobretudo, dissecar essa premissa, visto que Sartre foi um leitor ávido das teses marxistas e, como tal, sua inspiração nesse pensador não pode ser descartada.

Quando anunciamos que os filósofos, os pensadores, limitaram-se a interpretar o mundo, estamos, em última instância, anunciando que a filosofia - como maneira de decifrar a existência e seus arredores - assumiu uma posição passiva em sua relação com o mundo. Em outros termos, o ser humano apenas reage à realidade que lhe é apresentada, jamais se tornando protagonista de seu próprio ato.

Para efeito didático, ilustramos tal premissa através de um exemplo corriqueiro. Imaginemos um homem e, como a maioria dos homens, ele tem um sonho. Um objetivo que toma para si o papel de eixo da sua existência. Agora, colocamos nesse homem uma propriedade, uma característica de genialidade¹⁷⁰. Muitos jovens desejam ser grandes artistas, porém poucos têm o privilégio de ter a genialidade ao seu lado. A genialidade, enquanto inata, é passiva e, como consequência, precisa ser exercitada para assumir uma posição ativa - de responsabilidade. Caso isso não seja conquistado, o gênio se limitará a ver a história de outros, ser apenas um turista nessa vida.

Responsabilidade é uma palavra que escutamos muito, principalmente, quando estamos desenvolvendo nossos conceitos individuais e coletivos de certo e errado. A linguagem, nossa forma de comunicação, como mostra Wittgenstein¹⁷¹ com seus Jogos de Linguagem, é plural em seus significados e dependente de um contexto (VENÂNCIO, 2017).

Tendo isso em mente, definiremos aqui o significado do termo Responsabilidade na filosofia tanto marxista quanto existencialista, corrente da qual o próprio Sartre é considerado patrono. Antes de partir para as particularidades de cada indivíduo, devemos ressaltar que a Responsabilidade - enquanto teoria ou prática - era de suma

¹⁷⁰ Postaremos, nesse momento do trabalho, uma definição que se aproxima do senso comum sobre genialidade: genialidade é, portanto, possuir uma capacidade extraordinária em uma ou mais áreas. Sendo, por definição, uma propriedade inata.

¹⁷¹ Wittgenstein foi um pensador austríaco, conhecido, sobretudo, por sua contribuição na filosofia analítica e da linguagem. Em sua tese, os jogos de linguagem, apresentava uma realidade onde uma palavra, um conceito, tem significados múltiplos dependendo de onde e quando se encontra inserido.

importância aos dois autores: seja, para Marx, na ótica da revolução, seja para Sartre, enquanto construía seu sistema filosófico pautado na ação humana.

Sartre, por questões cronológicas, foi incapaz de debater com Karl Marx em pessoa. Entretanto, em seu tempo, tinha diálogos com aqueles que nomeava de “Marxistas de Hoje” uma corrente que, em síntese, postula que a pessoa apenas há de nascer realmente quando recebe seu primeiro salário ou, em outros termos, quando era introduzida no mercado (VIANA, 2008).

A Responsabilidade dessa corrente é com a Emancipação, um feito coletivo - de sua identidade como classe - para uma noção mais intimista, individual de sua função dentro do sistema. Poderíamos concluir que, nesse momento, a responsabilidade é um movimento externo que partiu para o interno. Algo que se manifesta do coletivo e tange, aos poucos, a esfera do indivíduo (MELO, 2011).

Sartre, principalmente no ensaio *O Existencialismo é um Humanismo* (1970), deixará em foco essa questão do ser responsável e sua relação íntima com a liberdade. Grosso modo, pode ser dito que a Responsabilidade, no ponto de vista cunhado no meio do século XX, segue um movimento oposto ao que foi antes apresentado: é um movimento interno que, timidamente, se espelha no futuro externo.

A Responsabilidade, portanto, não deveria ser imposta por elementos externos - classe social, amigos, religião, entre outros - mas sim, deve ser originada do próprio ser. Pois, em uma última instância, a liberdade que o atinge é única e exclusivamente dele. Como meio de escapar de uma armadilha demasiada individualista, Sartre estabelece que cada Homem deve agir como se fosse portador de todo o peso da humanidade em seus ombros.

Tal suposição, aos olhos de hoje, pode soar absurda. Afinal, como pode um único espécime carregar o legado de toda sua espécie? Para entendermos esse ponto, é necessário ter em mente que esse pensador francês era, antes de tudo, um escritor de romances renomado e, portanto, estava acostumado a exercer a faculdade da imaginação - isso, para o bem ou para o mal, era transferido para suas obras mais acadêmicas.

Talvez, mais uma vez, seja preciso recorrer a exemplos para compreendermos esse conceito. Peço que abstraia em um nível mais elevado, que imagine que é o

primeiro humano a pisar em Marte. Por muito tempo, sonhamos que o planeta vermelho teria vida inteligente e digamos, nesse exercício, que essa vida exista e, no exato agora, o esteja observando.

A forma do alienígena não é humanóide, como os filmes da década de sessenta supuseram, ela é estranha para você e vice versa. A criatura está assustada e teus atos - sejam eles de violência ou paz - determinarão como ela verá o resto de sua espécie para sempre. A primeira impressão, por mais clichê que seja, é a que fica. A psicologia, através do Efeito Halo, descoberto nos anos vinte, pelo psicólogo Edward Thorndike, aponta que a simpatia ou antipatia sentida em um primeiro encontro tende a permanecer e, mesmo, contaminar sua visão de semelhantes (ABATH, 2014).

Em termos mais diretos, como você escolhe se portar diante do alienígena, do sujeito estranho a você, terá que ser como você gostaria que o outro se comportasse em sua posição. Não deixa, ao todo, de ser uma atividade que, para ser feita adequadamente, requer empatia - a capacidade de sentir o desconhecido - como um recurso indispensável. No exemplo iniciado, você representa como o estranho verá não apenas você, enquanto indivíduo, mas todos os seus semelhantes. Assim, em um ato, você carregará o peso de toda uma sociedade.

Com o conceito de Responsabilidade em Sartre definido, bem como a inspiração do que acabaria por ser, como veremos mais adiante, seu Existencialismo: uma filosofia destinada há não somente relatar mas agir sobre o contexto que está inserido. Vamos, através de fatos e produções contemporâneas, traçar uma linha de como sua política do Engajamento, do ato, está estabelecido na realidade do século XXI.

2. DESENVOLVIMENTO

Nesse ponto, com alguns conceitos dessa filosofia já apresentados, buscaremos de maneira inicialmente separada, tratar da definição de Liberdade, Ser e Essência e como esses significados, em conjunto, criam o efeito do Engajamento no indivíduo - o impulso de não apenas interpretar os fatos, mas, sim, modificá-los. Essa viagem, quando terminada, nos dará condições de trabalhar na problemática do Engajamento na Era Virtual.

2.1. Entre a Angústia e a Liberdade

Sartre é um pensador recente, seus trabalhos se tornaram famosos dentro e fora da academia. Antigamente, como por exemplo na Grécia, os grandes sistemas poderiam demorar décadas, séculos, para serem contestados ou invalidados. Isso era um resultado, em parte, produzido pelas dificuldades das mentes se encontrarem, dialogarem entre si. A aprendizagem, os conceitos que tanto seguimos em sociedade, dá-se através da comunicação, da interação com semelhantes.

Aqui, ressaltamos um ponto: a definição de aprendizagem que nos apropriamos é a de Vygotsky, importante psicólogo do século passado e conhecido por sua tese da educação como um feito dependente do contexto sócio-histórico do indivíduo (Vygotsky, 2007). Inicialmente, essa seria uma teoria que vai na contramão do Existencialismo sartreano, admitindo que existem pontos determinados - limites - para a liberdade humana. Porém, em um olhar mais cirúrgico, a interação - elemento chave para o processo de descoberta vygotskyano - compartilha uma relação íntima com a empatia, o seio do significado de Responsabilidade nesta filosofia parisiense.

Liberdade é uma palavra que raramente foi citada aqui de maneira direta e, ainda sim, foi muito presente. Só se é capaz de ser responsável por algo quando se tem a chance de não sê-lo. Foi dentro dessa ótica que Sartre lançou uma provocação: o Homem é condenado a ser livre. Dando a entender, principalmente para a comunidade cristã, que o maior direito cedido a eles por Deus - o Livre Arbítrio - age mais como uma punição do que como uma dádiva.

Entretanto, fugia do saber de alguns de seus críticos que esse conceito não era novo e nem tão pouco, herege. Kierkegaard, cristão, desenvolveu, ainda no século XIX uma relação entre nossa liberdade e a angústia, a incerteza ou, de maneira descontraída, a conhecida dor do “e se...”. Quando, por exemplo, você decide se declarar para seu amor e a resposta não é a esperada, a tristeza pode tomá-lo e isso o pode levar a um caminho imaginativo, uma trilha desenhada com todas as possibilidades, melhores ou piores, que você podia ter escolhido e, agora, não pode mais. Você, necessariamente, assume, nesse instante, um papel passivo diante da sua própria vida.

Kierkegaard vai além, ressalta que o livre arbítrio é como olhar diretamente para um abismo: você é livre para saltar ou não mas, inevitavelmente, terá que tomar uma decisão. As possibilidades deixadas de lado, os sonhos que se criam com base nelas, formam a vertigem que persegue seus sentidos no abismo, é o peso da responsabilidade de ter tomado uma decisão e ter que arcar com as consequências (BRITO, 2017).

Uma aparente saída, entretanto, pode ser vislumbrada ao observar o abismo: optar por negar, de maneira consciente, seu direito de saltar ou não. Manter-me na inércia. Seria, no dia a dia, o equivalente a um “tanto faz”, pois nessa pequena expressão, reside a vontade de transferir a Responsabilidade, vista aqui como inseparável da Liberdade, para um outro externo. A angústia, nesse caso, seria tamanha que é preferível perder sua autonomia a permanecer no sofrimento.

Kierkegaard estabelece que o problema está quando, em meio a angústia, o ser humano - também nomeado de Espírito em seu verbete - demonstra desespero, de cunho paralisante, ao encarar o abismo, encarar suas possibilidades em uma aparente solidão, tal demonstração o faria se agarrar na finitude das coisas, desviando de seu caminho com o infinito e, em uma última instância, se desvinculando de Deus (BRITO, 2017).

Um exemplo semelhante pode ser usado para a visão de Sartre sobre essa questão. Contrariando os dias atuais e a maioria dos médicos, ele não vê a angústia como uma doença ou um sinal de fraqueza - um sinal que, de maneira cada vez mais frequente, tentamos esconder através de fotos em redes sociais, fotos que só mostram o lado bom da vida. - mas sim, como um sinal de que somos livres.

Tomemos, como base, o exemplo do abismo: ao encará-lo, estamos encarando todas as possibilidades de ação e a Responsabilidade, individual, que cada uma delas carrega. O existencialismo kierkegaardiano pode assumir isso como paralisante pois é no momento do abismo que o Homem deve decidir, sem Deus ao seu lado. Sartre, por sua filosofia e crenças ateias, retira qualquer divindade de sua equação desde o princípio. Logo, a solidão que ele sente não é, de forma alguma, surpreendente ao ser.

Um religioso pode se sentir sem amparo quando se vê diante do abismo pois a certeza de um destino - algo para se apoiar - não existe. Entretanto, para um sartreano, a indeterminação do futuro, do que vem a seguir, é a prova intransponível da verdade que

está contida no seu próprio livre-arbítrio. A validação de que seu agir, suas escolhas, moldam você e não algo *a priori*, inato em seu ser.

Porém, uma nova indagação surge: a Liberdade para o Homem é ilimitada? Pode-se colocar, de maneira didática, que a Liberdade tem suas regras feitas pelo Outro - pelo externo, estranho a ele - ou seja, pelo seu senso de Responsabilidade: uma vez que devo buscar agir como eu acreditaria que o meu semelhante deve agir no meu lugar. Sou, assim, potencialmente capaz de tudo e, ao mesmo tempo, pela minha própria ética, sou incapaz de colocar toda essa potencialidade em prática. Tal conceito, em algumas interpretações, se encontra sintetizado na célebre máxima de Sartre “o inferno são os outros” (HOSTE, 2016).

“O inferno são os outros” há de ser, quando se estuda o Existencialismo a fundo, algo muito mais íntimo do próprio ser. Quando dizemos essa frase, mesmo que, muitas vezes, sem ter ciência de sua origem, invocamos que temos uma Responsabilidade apenas conosco em nossos atos, sempre temos que considerar aqueles em nossa volta. Esse feito, repetido tantas vezes em nossa vida, acaba por ser angustiante (LIMA, 2011).

Uma resolução mais simples para esse problema está nas redes sociais: criar um perfil falso no *Facebook*, esconder minha identidade e, assim, espalhar meu ódio e frustração com os Outros. Isso é uma situação cada vez mais diária, o *Bullying* virtual fere o semelhante enquanto eu, o autor dessa ação, fujo da angústia da possibilidade de ser pego - fujo de ser responsabilizado.

Muitos fazem isso, convencem o Outro que aquele que escreve mensagens de ódio no *Facebook* é distinto do Eu de fora dessa realidade virtual. Isso é um recurso muito antigo na sociedade, que bebe do hábito de artistas em fazer personas, personagens, para cada nova peça que produzem. Dentro desse cenário, imaginemos que nosso mundo fosse um enorme teatro e todos que estão nele, naturalmente, dispõem de três opções: omitir-se, negar ou afirmar sua participação.

Omitir é, grosso modo, dar-se a ilusão de não se deixar levar por um dos caminhos apresentados. Aquele que acredita que, ao se recusar a escolher, gozará da liberdade das amarras do compromisso. Entretanto, como aponta Sartre, somos

condenados a sermos livres e mesmo a omissão não deixa de ser um ato consciente e preso a leis da causalidade (SARTRE, 1970).

Estamos sentenciados à solidão se nos negarmos à atividade com os outros. Como é o caso de ir ao teatro e não respeitar as regras de comportamento deste local. Logo nos sentimos deslocados e pode-se chegar ao ponto de sermos expulsos. Apesar de nada o impedir de tomar essa posição, uma vez que o efeito dela esteja claro, a solidão não é o primeiro instinto humano. Sobrevivemos à Seleção Natural porque optamos por ser sociais, agimos, ao longo da evolução, juntos com o intuito de superar espécies, individualmente, mais fortes (HARARI, 2015).

Colocando a solidão, exclusivamente, na ótica de Sartre, temos, no mínimo, dois resultados peculiares: enquanto, em sua filosofia, uma ideia de individualismo torna-se constante - em especial no momento que estamos no abismo - o filósofo, em si, mostrava-se muito ativo no mundo através de suas obras. Considerando-se um pensador não acadêmico, ele caiu nos gostos do povo. Tal feito, embora aparentemente banal, pode indicar que ele não buscava apenas escrever para si ou para uma casta mas, sim, para um coletivo.

Permitir-se fazer parte do teatro era como um acordo: desista um pouco de sua identidade individual e seja aceito no grupo. É, em linhas gerais, aceitar usar uma Máscara Social. Esse conceito é vasto, caminha do senso comum até a psicanálise. Porém, por méritos de tempo, adotaremos aqui uma definição um tanto mais sintética e simplificada: até onde atinge esse ensaio, uma Máscara Social é uma mentira que decidimos contar a nós mesmos, uma versão feita sob encomenda de nosso Eu para o Outro.

Voltamos, portanto, ao exemplo do homem que assume um perfil falso no *Facebook* para espalhar discursos de ódio sem ser responsabilizado. Uma pessoa que precisa de uma máscara para espalhar seus pensamentos é uma pessoa que tem sua liberdade reprimida por questões externas. Frente ao estranho, a moralidade ou o grupo, aquilo que pensa - enquanto um ser de livre arbítrio - é, em alguma medida, não aceito e, por efeito, não é um livre arbítrio autêntico.

Liberdade, para Sartre, é angústia e isso, esse gosto amargo na boca, indica que estamos agindo e modificando o mundo. Quando o homem usa outro nome e rosto na *Internet* para dizer o que deseja sem que a autoria dos atos possa ser identificada, está, em uma análise final, abdicando de se comprometer ao alterar seu mundo com suas próprias mãos. Comportando-se assim, como um objeto a ser possível de ser moldado pelo que o cerca.

A esse fenômeno o Existencialismo colocará o título de Má-Fé. É, sobretudo, a crença em uma mentira que só tem um interlocutor: si próprio. Funciona semelhante a um truque de mágica, onde todos na platéia sabem que o que se passará diante de seus olhos é falso e, ainda que conscientes disso, a decidem ignorar. Porém, a Má-Fé, se distingue de outras mentiras, outras Máscaras Sociais, pois, não necessita do Outro - do estranho ao ser - para existir. Sendo assim, mantido e produzido dentro de sua própria mente (PÓVOAS, 2007).

O Ser e a Representação na Era Virtual

Para entendemos a Má-Fé precisamos, como um primeiro passo em uma longa escada, ver como ela nasce e o seu motivo de existência. Imagine, então, um pequeno lápis segurado no alto por uma mão. Se esse objeto fosse solto, o senso comum diria que ele cairia. Seria, grosso modo, um exemplo da causalidade - do nosso pensamento, guiado pelas experiências, causal - que afirmaria que entre o ato de soltar o lápis e a queda houve uma condição de necessidade. Ou seja, era uma certeza.

Certeza, nesse momento, será retratado como relacionado a Indubitabilidade - algo que não há espaço para a dúvida - e/ou Infallibilidade, algo que não possui uma possibilidade de falha. David Hume, um dos três grandes empiristas ingleses, colocará - munido de seu ceticismo - uma dúvida no processo, antes dito como certo, de raciocínio casual: eu toco o lápis antes de soltá-lo entretanto, no caminho para o chão, não estou certo se será o mesmo objeto: eu apenas creio nisso (MOSER, MULDER e TROUT, 2004).

Para a mente de Sartre, temos a necessidade - vista aqui como algo determinante para a identidade de algo - de termos um motivo para estar aqui, um motivo e certeza inata. Ao observarmos uma árvore, por exemplo, podemos imputá-la certas

propriedades - beleza, utilidade - de cunho subjetivo. Entretanto, serão apenas propriedades contingentes, que mudam dependente de quem a percebe. Somos importantes para seu desenvolvimento e, ainda sim, como um elemento finito, não impactamos sua existência em seu seio.

Isso causaria uma angústia, uma dor ao saber que, apenas na morte, no fim de todas as escolhas que tomei, poderei ser definido como algo realmente importante, necessário, ao Outro. Em uma tentativa de suprimir essa dor, a mãe da Má-Fé - a imaginação - aparece, pois é nela que posso ditar todas as regras de meu mundo. Essa faculdade me permite ir além das suposições do real, além da dúvida “Se eu soltar esse lápis ele vai ou não cair?” para uma resposta, uma certeza produzida que acalma minha angústia.

A título de uma melhor contextualização, analisaremos, ainda que brevemente, os conceitos de *Necessidade e Contingência*. O primeiro bebe do Princípio da Não Contradição estabelecido pela filosofia aristotélica que, de maneira simplificada, diz que o elemento A, em hipótese alguma, pode ser B e vice versa. A contingência, por sua vez, é uma condição do ser mais maleável: o A pode ser azul mas também pode ser roxo - a propriedade aqui estudada, a cor do objeto, não altera seu significado.

Fugimos da angústia como o diabo foge da cruz. Biologicamente, somos levados a sempre buscar atitudes que causam uma descarga de ocitocina - ou, como diria a teoria comportamental de Skinner, sempre buscamos aquilo que nos gera “um reforço positivo” ou um bem estar - e, em contrapartida, somos avessos, por natureza, a aquilo que nos aflige dor. Pense no sexo, nossos antepassados, com intuito de manter a espécie, se reproduziram. Porém, o acasalamento, em si, era impulsionado também pela sensação que dele vinha. O fogo, outro exemplo primitivo, pode ser mortal e é, justamente, a dor que sentimos ao tocá-lo, que nos alertou isso no princípio (SKINNER, 2011).

Em Sartre, não há espaço para a noção de destino ou para uma noção de motivo inato para existir. A vida, em seu seio, é feita de contingências. Dentro desse espectro, podemos conceber uma ideia de abismo entre o *Pode Ser* e o *Ser*. Quando estamos diante do abismo, nós queremos Ser algo, temos a ambição para mudar ou afirmar. Entretanto, ao olhar para baixo, somos assombrados pelo possível indeterminado. A

falta de certeza, de uma muleta para se segurar, faz alguns se refugiarem no reino da imaginação, alienando-se ao permanecer no mundo produzido por eles e que funciona pelos seus decretos (SOUZA, 2005).

Voltamos os olhos, mais uma vez, para a alegoria do abismo, mais precisamente, na relação entre o *Pode Ser* e o *Ser*. Ainda que indiretamente, esse relacionamento há de sempre ecoar nas entrelinhas deste ensaio. O livre arbítrio e o ato de se responsabilizar somente surgem quando em meio a algo ou alguém que admitimos de maneira constante: o próprio *Ser*.

Iniciaremos cuidando desse problema por suas arestas, definindo o que seria algo de natureza constante. Aqui adotaremos constância como uma propriedade que não se altera e que, mesmo munida de contextos diversos, se mantém longe do movimento: da chance de mudança. Então, quando pedimos ao *Ser* que ele seja constante, estamos pedindo para que ele tenha uma essência inata, uma certeza soberana perante todos os casos particulares.

Entretanto, como pedir isso de criaturas que, em sua própria linguagem, um único signo pode ter milhares de significados? Wittgenstein, ao propor seu Jogo de Linguagem, colocou em xeque o caráter singular das palavras: uma *manga*, dependendo de em qual contexto estiver inserida, pode ser *Manga da camisa* ou *manga fruta*. Agora, apenas isolar o termo não é mais suficiente para definir sua essência perpétua (VENÂNCIO, 2017).

O que Wittgenstein faz com as palavras, Sartre fará com seu próprio autor: O Homem. Para um olhar mais atento, notar-se-á uma certa obsessão da filosofia pela ação de definir o externo e interno ao nossos sentidos. Definir, até o limite que cabe a esse trabalho, é o ato de conceituar - colocar em um conjunto - algo que possa ser concebido por nossas mentes.

Dentro desses parâmetros, podemos destacar desde a definição de *animal racional* cunhada por Aristóteles - afirmar que o Homem é o único ser capaz do pensamento dedutivo, sendo político por natureza devido a sua necessidade de interação com os demais para conseguir viver em sociedade - ou na própria premissa cristã de que dividimos, como uma criação do Criador, uma série de propriedades a sua imagem e

semelhança: algo inato, comum a todos nós; como uma tentativa de definir nossa essência perante os milênios da filosofia.

Sartre, contrariando esse movimento, descarta qualquer possibilidade de definição do homem que venha, de alguma maneira, ter uma origem em uma percepção determinista ou inata de mundo. Parte disso se deve a sua característica atéia. Renegando a ideia de Deus estaria, por consequência, renegando qualquer ideia de cunho *necessário*. Pondo, assim, o existir humano como uma mera série de contingências. Nesse ponto lembramos que essa conjectura não é algo exclusivo da mentalidade atéia, como já ilustrado em Kierkegaard (BRITO, 2017).

A problemática, em si, não jaz sobre o ato de enunciar ou não o caráter de uma essência inata, mas, sim, sobre o que esse enunciado traz ao mundo. Suas consequências. O que fizemos nos parágrafos mais recentes foi, de maneira amena, expor o raciocínio - o caminho das pedras - que leva os sartreanos a assumirem a posição de que *a existência precede a essência* (SARTRE, 1970). Agora, com as cartas na mesa, vamos dissecar suas questões mais intimistas.

A grande questão aparece quando inserimos uma vida que acabou de vir ao mundo na alegoria do abismo. No instante em que o humano está nascendo, ele é incapaz de encarar o abismo, sua condição de *Pode Ser* pois, em última instância, ainda não lhe foi permitido escolher. Assim, tampouco, se encaixaria na categoria de *Ser*. Sobrando-o, então, ser chamado de sua oposição: ser categorizado como *Nada*.

Tal declaração, a uma primeira vista, pode soar estranha. De fato, um tanto absurda quando admitida pela primeira vez. Mas, na ótica de Sartre, é justamente esse absurdo que nos liberta das correntes do destino, do alívio da certeza em nossas vidas. É como se, ao aceitar sua condição como *Nada*, o Homem vislumbrasse a possibilidade de poder ser tudo.

Seguindo essa linha de raciocínio, a tese existencialista colocaria o Homem como um Projeto. Projeto, na definição adotada por essa corrente, seria a única coisa que se mantém constante em nosso existir: visto que, enquanto *Ser*, sou uma figura contingente, percebo-me em uma situação angustiante - como me é negada a possibilidade de saber quem sou desde o nascer, sendo assim, órfão de uma identidade

fixa, cabe a mim próprio encontrar uma definição nova a cada momento. A cada ato que, por omissão ou decisão, me constrói e, simultaneamente, me força a desconstruir minha identidade anterior.

Nesse ponto, devemos salientar que a noção de Projeto, bem como o caráter possível de modificar o meio, é exclusivo do *ser-para-si* uma vez que é, nessa categoria, onde aqueles dotados de consciência - condenados à liberdade - se encontram. Enquanto, seu oposto, revela-se como o *ser-em-si*: aquele que tem, como necessário, o seu propósito dado pelo Outro e, por conseqüência, é poupado da alegoria do abismo - em termos mais diretos, é aquilo que, de maneira ordinária, nomeamos de objeto (SILVA, 2010).

O início da existência é como atirar um pequeno projétil às cegas: não é possível saber em qual contexto, cenário, irá cair. Desse modo, pode-se interpretar que haveria - dentro dessa perspectiva - uma igualdade perante a possibilidade de cair ou não em uma classe, condição social, que o favorecesse na sua vida de alguma maneira.

Diante dessa tradição, liberdade é autonomia de escolha. As condições onde ela é exercida, o seu contexto social e econômico, em uma passagem rápida de olhos, apenas estão lá como limitadores que possibilitam o momento de escolha: se tudo fosse dado a mim, sem desafio ou contato com seu conceito oposto - a não liberdade - eu simplesmente não poderia reconhecê-la.

Sartre, portanto, dirá que o Ser - em pensamento - não pode colocar sua vontade como um fim em si próprio. Porém, ela serve o Ser como motivação, um combustível, para estreitar sua relação entre potência (o pode ser) e o ato em si - o Ser. Permitindo, em última instância, saltar o abismo: tomar uma decisão. A cada instante a mente passaria por essa dialética, forçando-o a se reinventar, encontrar-se novamente ao confrontar a realidade.

Tal esforço pode ser lido como angustiante. Ao passo de que essa experiência é exclusiva do *ser-para-si*, muitos, para escapar do peso da Liberdade, se refugiam na *má-fé* através da representação. Representação, nesse momento, é se limitar a fazer, executar, um papel determinado. Em outras palavras, se rebaixar ao nível natural dos objetos: o *ser-em-si* (SILVA, 2010).

Na obra *O Ser e o Nada*, esse autor parisiense dissecou essa condição - assim como a ilustra - através do famoso exemplo do garçom de café. Visamos ter um sucesso semelhante por meio de um exemplo que invoque o espírito dessa época virtual na qual vivemos.

Imaginemos uma pessoa, um garoto no início da sua adolescência. Não o daremos um nome, não é necessário para chegarmos ao nosso intuito. Sabemos que ele possui um canal no *Youtube*, onde encarna um personagem que apenas coloca no ar vídeos de *react*¹⁷² por um único motivo: era o que estava na moda quando entrou na plataforma e agora, na zona de conforto, prefere não arriscar sair de seu papel - em se comprometer ou projetar algo além para seu futuro. Um detalhe, ele possui uma quantidade considerável de inscritos e visualizações. Pessoas que gostam de seu personagem, dos trejeitos que imita, quase sem perceber, sempre que se levanta da cama e vai gravar o vídeo do dia. O jovem, entretanto, tem um potencial único para as artes. Potencial para ser o próximo Picasso e, ainda sim, tem medo de apostar em seu talento pois, em última análise, isso significaria abandonar a persona que criou. Fazendo isso, abriria mão de um cenário onde tudo é *necessário*, onde não existem surpresas. A surpresa, o espanto com o mundo, é uma parte que vem com o livre arbítrio: o incerto, o *contingente*. Sem ele, em suma, viveríamos como escravos de papéis que - por omissão ou escolha - nos são impostos.

Berkeley, um pensador e pai do Imaterialismo - corrente que defende a não existência da matéria - colocaria que apenas funcionamos como mente ou espírito, assumindo nosso caráter mutável: nossa posição de criaturas ativas perante o real. Negar essa natureza, portanto, seria negar a única coisa que nos divide dos objetos (DANCY, 1997).

O objeto, o *ser-para-si*, tem sua natureza definida na mente da consciência que a criou. Uma consciência que existia anterior a sua criação. Por exemplo, ao começar a entalhar uma lança de madeira carrego, em minha mente, uma ideia de sua função: ferramenta para caça. Apenas irei criar aquilo que julgo suficiente, *contingente* a mim no momento de sua elaboração.

¹⁷² React aqui significa um tipo de vídeo bastante popular no *Youtube*, onde se filma a reação da pessoa ao assistir, dentro de seu próprio vídeo, outro vídeo. Normalmente, é feito como se fosse a primeira vez que a pessoa o assiste.

Sartre, com tudo que foi apresentado até aqui, pode muito bem ser entendido como um campeão da meritocracia: a tese de que tudo que consegui ou não foi devido, de maneira exclusiva, ao esforço que fiz para tal ação. Entretanto, foi nas leituras que fez do marxismo, que se inspirou para cunhar o conceito de Facticidade onde essa ideia se torna possível de ser questionada (SILVA, 2008).

Facticidade, na ótica sartreana, é a ideia da escolha poder ser situada. O conjunto de fatos que está além de nossa própria potência. Podemos citar, como exemplo, nosso contexto social, cultural e econômico de quando nascemos. Embora, em suma, o autor colocará esse elemento apenas como tendo um papel secundário no processo da decisão.

3. CONCLUSÃO

Fizemos o caminho das pedras, explicando como cada um dos principais conceitos de Sartre funcionam. Agora, como conclusão deste ensaio, iremos explorar como suas dinâmicas - em conjunto - criam o fenômeno que o existencialismo nomeará de Engajamento. Para isso, entretanto, precisaremos refletir sobre a aplicação social dessa palavra em nossa rotina.

Quando, em uma conversa casual, invocamos o termo engajamento, os mais jovens - aqueles que têm idade para participar do alistamento militar - pensam logo no sentido recrutador da palavra. E, embora essa associação esteja correta, seria ingenuidade limitar-se a somente esse significado. Engajar-se, em Sartre, vai muito além do simples ato de servir a uma causa.

Engajamento seria o ato de tomar decisões - de natureza livre - sobre sua existência no âmbito pessoal e, sobretudo, no âmbito político-social. Quando é dito que o “Homem é condenado a ser livre”, essa premissa tem, em seu núcleo, uma profunda ligação com o ato de Engajar-se pois, em última instância, é nessa ação que se reserva o direito de se reinventar o *ser-para-si*. O direito de, pela não omissão de sua vontade e escolha, interferir e modificar seu meio de maneira constante.

Porém, como vimos enquanto analisamos a ideia de Responsabilidade sartreana, tal ação - o movimento do Engajamento - não pode ser tomado tendo em vista apenas

sua perspectiva individual. Ao decidir por um caminho, estou assumindo que o vejo como melhor alternativa para qualquer outra pessoa que esteja no mesmo contexto, situação, na qual me encontro. Esse fato, em aliança com uma realidade de natureza incerta, gera peso em meus ombros. Um peso que possui seu próprio nome: Angústia. Dentro dessa filosofia, essa palavra assume a identidade de algo que assombra nossa consciência: a vertigem do *contingente* ao nos responsabilizarmos pela autoria de uma ação e, como consequência, escolhermos viver com a insegurança sobre com essa ação refletirá no amanhã.

A angústia é tamanha, no instante da decisão, que o indivíduo pode não suportar e acabar por se esconder em desculpas, transferir sua Responsabilidade para o outro. A esse acontecimento, essa dinâmica de nossa própria mente, damos o título de *má-fé*. Essa atitude nos permite escapar da Angústia, mas ao preço de nossa Liberdade. E, em uma análise, ao preço do que nos separa do *ser-em-si* - separa o Homem dos demais objetos que o cercam.

Fazendo juz ao título desse ensaio, terminaremos ilustrando como os conceitos gerais de Sartre podem dialogar com a era dos computadores. É de praxe presumir que em uma época onde a comunicação praticamente não tem mais barreiras, Engajar-se em algo, modificar o seu meio, fosse uma tarefa mais facilitada. Os recursos que temos hoje, vide as redes sociais, permitem uma melhor organização e mais ferramentas para que nossa voz seja ouvida e o ato não passe despercebido.

Entretanto, se observarmos a história britânica recente, perceberemos que a realidade parece ir na contramão dessa premissa. Em 2016, houve uma votação sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia. Apesar de, pelas redes sociais, como o *Twitter*, a população mais jovem se pronunciar a favor de sua permanência no bloco, sua potência (sua vontade) não se manifestou como uma ação no dia da eleição. Ao deixarem de votar, ao se calarem perante a realidade, sua omissão permitiu que seu mundo fosse construído pelo externo - tendo em vista que no fim do dia a população mais velha, a que normalmente é dita como menos afeiçãoada a tecnologia, por mais que eles possuíssem uma opinião menos popular, acabou por triunfar nas urnas (BBC BRASIL, 2016).

Referências:

ABATH, André J. **Nem Tão Racional Assim: Externismo, Psicologia e Razões Para Agir**. Sképsis, Ano VII, Nº 10, 2014

BBC BRASIL. **A Reação dos jovens pela Saída do Reino Unido da UE: "Perdemos o direito de viver e trabalhar em 27 países"**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36631877?ocid=wspportuguese.chat-apps.in-app-msg.whatsapp.trial.link1_.auin. Acessado em: 20/05/2019.

BRITO, José W. R. **Angústia como Condição de Liberdade em Kierkegaard**. Revista Húmus, v. 7 n.19, p. 82-100, 2017.

DANCY, Jonathan e SOSA, Ernest (org.). *A Companion to Epistemology*. Oxford: Blackwell, 1997, pp. 261-264. Trecho traduzido por Michael Ayers, disponível em: <https://criticanarede.com/berkeley.html>.

HARARI, Yuval N.; MARCOANTONIO, Janaína. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. L&PM Editores; Edição: 1,2015.

HOSTE, V. X. **A Constituição da Angústia em Sartre: do Patológico ao Ontológico**. Sofia, vol. 5, n. 2, Ago. - Dez., 2016, p. 445-462.

LIMA, Adson Cristiano B. R. **O Olhar da Alteridade: “O Inferno são os Outros”**. Itinerários (UNESP. Araraquara), v. 33, p. 243-252, 2011.

MELO, R. **A Teoria da Emancipação de Karl Marx**. Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade, 2014.

MOSER, P. K.; MULDER, D. H.; TROUT, J. D. **A Teoria do Conhecimento: Uma Introdução Temática**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PÓVOAS, Jorge F. **A Má-Fé Analítica Existencial Sartreana**. Reflexão, Campinas, 32 (92). p. 81-98, jul./dez., 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Paris, 1970.

SILVA, P. C.G. **O Conceito de Liberdade em O Ser e O Nada De Jean-paul Sartre**. Dissertação (Programa de pós-graduação em filosofia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.

SOUZA, T. **Da Ilusão à Frustração: o Imaginário em Sartre**. Mente, Cérebro e Filosofia, São Paulo, p. 48 - 54, 2005.

SKINNER. **Sobre o Behaviorismo**. Brasil: Ed. Cultrix, 2011.

VENÂNCIO, Rafael D. O. **O jogo de linguagem: Wittgenstein, Teoria dos Jogos e Comunicação Social**. Amazon Serviços de Varejo do Brasil Ltda, 2017.

VIANA, Nildo. **Sartre e o Marxismo**. Filosofia Unisinos, 9(2):146-161, mai/ago 2008.

VYGOTSKY. **A Formação da Mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes Ltda, 2